

## **A metáfora da fábula como aplicação dos conhecimentos em Ontopsicologia**

**The metaphor of the fable as an application knowledge in Ontopsychology**

**La metáfora de la fábula como aplicación conocimientos en ontopsicología**

Patricia Michelotti<sup>1</sup>, Talita Carcavilla<sup>2</sup>, Máisa Bertoglio<sup>3</sup>, Eliara Furlan<sup>4</sup>,  
Neusa Viera<sup>5</sup>, Fábio Vettorazzi<sup>6</sup>, Cláudia Stefenon<sup>7</sup>, Jaqueline Pigatto<sup>8</sup>

~\*~

Não saber comunicar seus estudos, trabalhos, conhecimentos e opiniões é um grande problema da sociedade atual. Muito se produz, mas nem todo o resultado dessa prática é formalizado de modo a ser expandido e demonstrado. No Ensino Superior, essa realidade parece mais notável. Com a proposta de demonstrar a aplicação dos conhecimentos construídos ao longo do Bacharelado em Ontopsicologia, os acadêmicos são desafiados a produzirem pequenas teses acerca de temáticas de seu interesse. Se a escolha do curso se dá com muita consciência e gana de aprendizagem, por um lado; por outro, encontram-se as dificuldades comuns no momento de formalizar esses pontos. Com o intuito de facilitar esse processo, a Disciplina de Escrita Criativa foi inserida no currículo do curso como uma ferramenta facilitadora do processo de produção de textos científicos. A escrita acadêmica, no entanto, vem em um momento posterior à capacidade de formalização do pensamento em texto verbal. Não apenas quem trabalha com escrita, como todo o falante da língua precisa conseguir codificar seus conhecimentos. Nesse sentido, Marchione aponta:

Se redigir não é sua atribuição profissional, mas na vida pessoal você se vê como um escritor, isso o torna mais bem preparado para enfrentar os desafios de um mundo que descarta o especialista e privilegia o generalista, gente que, além de produzir ideias, também as comunica por meio da palavra. Essa é uma boa razão para afirmar que poderíamos todos nos beneficiar do aperfeiçoamento de nossa comunicação escrita (2021, p. 127).

Para chegar a esse caminho, a disciplina realiza atividades de escrita fruitiva, buscando o prazer que se encontra no processo de transformação do abstrato em real por meio do texto. Goldberg (2019) lembra que não é necessário que se seja um escritor para ter vontade e necessidade de contar

<sup>1</sup> Mestre em Ensino de Humanidades e Linguagens (UFN). Professora (AMF). E-mail: [michelottipatricia@gmail.com](mailto:michelottipatricia@gmail.com).

<sup>2</sup> Graduanda em Ontopsicologia (AMF).

<sup>3</sup> Graduanda em Ontopsicologia (AMF).

<sup>4</sup> Graduanda em Ontopsicologia (AMF).

<sup>5</sup> Graduanda em Ontopsicologia (AMF).

<sup>6</sup> Graduando em Ontopsicologia (AMF).

<sup>7</sup> Graduanda em Ontopsicologia (AMF).

<sup>8</sup> Graduanda em Ontopsicologia (AMF).

histórias. Poder transmitir nossos pensamentos, experiências, sentimentos, mais do que um dever, é um privilégio exclusivamente humano – nenhuma outra espécie tem essa capacidade. Nesse processo, o produtor do texto olha para si mesmo de uma maneira analítica. “A escrita é um caminho para nos encontrarmos e nos aproximarmos de nós mesmos” (2021, p. 19), conclui a autora. A forma e escolha das palavras vem, nesse sentido, como uma imagem da pessoa que escreve. Desta forma, o texto pode ser instrumento de sensações diversas. Meneghetti reforça o poder da palavra, instigando que se estude essa ferramenta como possibilidade de crescimento e potencializadora de resultados positivos.

A mesma palavra pode assumir diversos significados. Ainda no âmbito da palavra, alguns vibram palavras permanecendo ausentes, em uma manobra de enlatados; um outro, ao invés, usa a palavra para tocar um quântico de sentido, uma significância ativa, motivo pelo qual a palavra – quando é usada – já está superada (Meneghetti, 2011, p. 110).

Foi com a proposta de usar a palavra como instrumento de sentido vencedor que a 9ª Turma de Ontopsicologia foi instigada a colocar os conhecimentos da Ontopsicologia em uma narrativa. O gênero escolhido para essa atividade foi fábula, de acordo com o que Portella entende acerca desse formato textual:

A construção da narrativa da fábula é sempre orientada por um argumento (verdade) que se quer provar. Nela, há um embate geralmente protagonizado por animais, os quais personificam estereótipos e características psicológicas humanas distintas, de modo a convencer o leitor sobre uma suposta verdade, também denominada de moral, lição ou ensinamento, que é explicitada no final ou inferida a partir do contexto da narrativa (Portella, 1983, p. 122).

Dessa forma, nessa atividade os acadêmicos escreveram fábulas aplicáveis ao seu cotidiano e baseadas nos conhecimentos adquiridos até o momento da atividade. Como resultado, foram produzidas sete fábulas pelos acadêmicos (“O Poder da Sabedoria: A Jornada de Talita, a Coelha Empresária”, produzida pela aluna Talita Carcavilla; “Princesa Descabelada”, produzida pela aluna Máisa Bertoglio; “A colmeia na cidade”, produzida pela aluna Eliara Furlan; “A formiga Florinda”, produzida pela aluna Neusa Viera; “O ratinho e suas colaboradoras”, produzida pelo aluno Fábio Vettorazzi; “Zeus, Mufasa e os Livros”, produzida pela aluna Cláudia Stefenon; “Fábula do cavalo”, produzida pela aluna Jaqueline Pigatto). Como culminância desse exercício, as produções finais foram ilustradas e postas em exposição na Koinè: Integrações Científicas em Ontopsicologia. Durante a mostra, alguns autores fizeram a leitura e/ou interpretação de suas produções. Todas essas obras ficaram expostas no varal que ornou o espaço reservado pela Koinè e puderam ser lidas e apreciadas por todos os alunos da AMF que circularam pelo local.

**Palavras-chave:** escrita criativa; fábula; Ontopsicologia.

## Referências

GOLDBERG, N. **Escrevendo com a Alma**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2008.

MARCHIONI, R. **Escrita criativa: da ideia ao texto**. 1. ed. 3ª reimp. São Paulo: Contexto, 2021.

MENEGHETTI, A. **Criatividade e sensibilidade estética**. Fundação Antonio Meneghetti: Recanto

Maestro, 2018.

PORTELLA, O. O. A fábula. *In: Letras*. Vol. 32. Curitiba: UFPR, 1983. p. 119-138.